

A PRESENÇA DE VARIANTES NOS MANUSCRITOS DOS TEXTOS DO NOVO TESTAMENTO: DOIS FATORES

The presence of variants in the manuscripts of the texts of the New Testament: two factors

*Philip Maertens*¹

Resumo: Os textos do Novo Testamento foram transmitidos, durante séculos, de forma manual. Entre os manuscritos chegados até nós, é indubitável a presença de variações, o que implica que a fidelidade textual nem sempre foi uma exigência de primeira ordem. Gostaríamos de propor dois fatores que influenciaram a relativa liberdade na transmissão dos textos. O primeiro tem que ver com o próprio modo de reprodução. As recorrentes cópias imperfeitas levaram, da parte dos copistas conscienciosos, a uma atitude crítica perante o seu exemplar, levando-o a introduzir as correções estimadas necessárias. O segundo fator situa-se no campo ideológico mais amplo, no qual a reescritura de textos não era incomum.

Palavras-chave: Novo Testamento; manuscritos; variantes; crítica textual

Abstract: The texts of the New Testament have been transmitted for centuries in a manual way. The presence of variants between the surviving manuscripts cannot be doubted and implies that the textual fidelity was not always a primary requirement. We would like to propose two factors which influenced the relative liberty in the transmission of the texts. The first concerns the mode of reproduction itself. The recurrence of imperfect copies led the conscientious copyists to adopt a critical stance towards their exemplar. The second factor is related to the larger ideological context in which the rewriting of texts was considered normal.

Keywords: New Testament; manuscripts; variants; textual criticism

¹ Doutorado em História das Religiões e Antropologia Religiosa (Sorbona – Paris IV); investigador associado à ULHT / Área de Ciência das Religiões.

Introdução

Se a crítica textual se entende como o procedimento que procura restituir o texto na sua forma original pretendida pelo autor, qualquer leitor atento a pratica de forma quase natural. A ocasional gralha encontrada no decurso das leituras não constitui um obstáculo inultrapassável à compreensão do texto e à continuação da leitura, corrigindo-a o leitor de forma instantânea e até inconsciente. Também na Antiguidade cabia ao leitor retificar os diversos erros presentes nos documentos manuscritos. Sem dúvida, o número de imperfeições que ocorrem nos manuscritos se afigura mais elevado do que o que se encontra nos textos do presente, profusão que levou alguns leitores a manifestar o seu dissabor de forma expressiva.² Não obstante, a eventualidade de um leitor atento detetar falhas encontra-se delimitada pelos dados acessíveis no momento da leitura. Ao invés de encontrar erros ortográficos ou gramaticais no texto sob os olhos, relativamente fácil a corrigir, existem outros tipos de divergências cuja solução pode não ser tão evidente ou que, escapam, mesmo ao olhar do leitor mais rigoroso. Se, às vezes, um hiato no texto se torna facilmente observável, nem por isso a lacuna consegue-se preencher com as palavras que foram deixadas de lado por um escriba pouco cuidadoso ou exausto. Noutras ocasiões, tal omissão pode nem ser perceptível. Da mesma maneira, uma troca na ordem das palavras, a substituição de termos, entre outros, podem passar despercebidas. Nestes casos, somente a comparação entre pelo menos dois manuscritos revelará a existência de discordâncias ao nível textual de um documento.

A presença de variantes nos manuscritos neotestamentários

Do ponto de vista da teologia, a Bíblia cristã, conjunto de textos que constituem o Novo Testamento e os textos da Bíblia hebraica, é a Palavra de

² Sêneca, *Ira*, 2.26.2.

Deus, ou pelo menos contém a Palavra de Deus.³ Neste sentido, seria de esperar uma dedicação aplicada, uma atenção cautelosa e uma diligência reverente por parte dos copistas empenhados a transmitir as palavras sagradas. Todavia, o crítico textual tem de admitir que os resultados ficam aquém do esperado. Encontrar dois manuscritos idênticos no que ao texto diz respeito, seria ademais uma tarefa árdua, ver irrealizável. Não será exagero afirmar que todos os manuscritos são portadores de diferenças quando comparados entre si. Não implica isso que os textos do Novo Testamento, tal como são editados atualmente, não sejam fiáveis. Aliás, estima-se que em mais de 95% dos casos, dispomos dos textos em conformidade com o *Ausgangstext*, a forma do texto que está na origem da tradição manuscrita.

Talvez o erro mais flagrante se encontre no minúsculo GA 109, do século XIV. O exemplar usado pelo copista⁴ terá contido em duas colunas a genealogia de Jesus no Evangelho segundo S. Lucas 3, 23-28, facto que o copista não reparou. A genealogia encontra-se plenamente emaranhada: Deus tornou-se o filho de Aram enquanto Peres é dado como a fonte da humanidade (Metzger & Ehrman, 2005, 259).

Mais interessantes são as alterações intencionais, geralmente consideradas secundárias que acrescentam informações ao texto ou que alteram o seu sentido. O Codex Bezae Cantabrigiensis (D 05), copiado por volta do ano 400 (Parker, 1992) prende desde sempre a atenção dos estudiosos. Oferecido pelo reformador Theodore de Bèze à universidade de

³ Sobre a posição do teólogo Karl Barth e a Neo-Ortodoxia relativamente a esta questão, assim como a reação das correntes fundamentalistas cristãs, ver as observações de Vitor Manuel R. Rafael (Rafael, 2020, 118-119).

⁴ Embora usemos o termo “copista” por vezes no singular, convém lembrar que o ato de copiar, muitas vezes evolvia mais do que uma pessoa, nomeadamente quando o ato resultava da leitura em voz alta. Importa igualmente chamar a atenção ao facto de os copistas nem sempre serem homens. Ainda que não recebessem o devido enfoque, a presença de copistas mulheres é incontestável. *Vide* o artigo “Girls Trained in Beautiful Writing: Female Scribes in Roman Antiquity and Early Christianity” de Kim Haines-Eitzen (Haines-Eitzen, 1998).

Cambridge já nos finais do século XVI, com a sugestão de não divulgar o texto por ser demasiado diferente, *asservandum potius quàm publicandum existimem* (Scrivener, 1864), é sobretudo no livro dos Atos dos Apóstolos que as divergências com o texto do Nestle-Aland são notáveis: seria até dez por cento mais comprido (Metzger & Ehrman, 2005, 73).⁵ Alguns dos exemplos são os seguintes:

Ac 1, 2: o texto do Codex Bezae especifica que Jesus ordenou aos apóstolos que pregassem o evangelho.

Ac 1, 5: o texto indica que a promessa do Espírito Santo “não muitos dias depois” será “até ao dia do Pentecostes”.

Ac 2, 14: o texto foi corrigido: como Judas já estava morto, o texto lê “Pedro com os dez apóstolos” em vez de “Pedro com os onze”.

Ac 12, 10: quando o anjo liberta Pedro da prisão, o texto do codex acrescenta que o apóstolo “desceu os sete degraus” para chegar à rua.

As variantes do Codex Bezae, comparadas ao texto do Nestle-Aland, não se limitam ao livro dos Atos. No evangelho segundo S. Marcos, por exemplo, quando um leproso pediu para ser purificado, em vez de ser movido pela compaixão, Jesus foi movido pela ira (1, 41).

Embora nem todas estas variantes sejam únicas ao Codex Bezae, o mesmo não se aplica ao excerto transmitido a seguir de Lc 6, 4. Neste excerto conta-se como Jesus, ao encontrar-se com um homem que trabalha no dia de Shabbat, lhe diz: “Homem, se sabes o que estás fazer, és bendito, se não, és maldito e transgredes a lei”.

Estes exemplos, que não ilustram todo o género de variantes existentes, não pretendem ser mais do que uma modesta amostra das diferenças entre o

⁵ Importa frisar que as variantes não existem em si, mas tomam corpo através da comparação com outras formas do mesmo texto.

texto do Codex Bezae e o texto geralmente aceite. Por outro lado, não é intenção nossa sugerir que somente o Codex Bezae apresenta um texto divergente. Pelo contrário, e como se pode confirmar pelas edições críticas e pelos numerosos estudos consagrados aos textos do Novo Testamento, todos os manuscritos contêm diferenças quando comparados aos outros.

O fator do modo de reprodução

Ainda que se invoque, por vezes a preponderância da oralidade nas culturas da Antiguidade para explicar a presença de variantes intencionais, ao que nos parece, seriam duas as causas principais para esta multiformidade dos textos do Novo Testamento. A primeira prende-se com os modos da transmissão de textos na Antiguidade e até a invenção da prensa de tipos móveis nos meados do século XV, enquanto a segunda razão seria mais do foro cultural ou ideológico.

Vários são os testemunhos que alertam pela qualidade inferior da qual são responsáveis os copistas. Já foi referido a Sêneca, ao qual se pode juntar Marcial que sugere, num dos seus epigramas, que se o texto for obscuro ou em latim ruim, a culpa será do escriba, *librarius* (Marcial, Epigramas 2, 8). Mais tarde, Orígenes queixou-se da proliferação das divergências entre os manuscritos do seu tempo por culpa dos copistas, seja por razão da negligência de uns ou da audácia de outros. Acrescenta ainda que no processo de verificação não hesitam em adicionar ao texto ou em suprimir, se é que submetem o seu produto a uma verificação. (Metzger & Ehrman, 2005, 200).

Na verdade, seria infundado, no que ao profissionalismo ou sua carência diz respeito, pronunciar um parecer generalizado sobre a classe dos copistas. Como em qualquer conjunto de pessoas, as suas competências e aplicação das mesmas na execução das tarefas, divergiam de copista para

copista. Não seria atrevido demais pensar-se que nos primórdios do movimento cristão, vários foram os que deitaram mãos à obra na reprodução e difusão dos textos do Novo Testamento sem para isso estarem devidamente formados. Num outro contexto, que se pode seguramente, *mutatis mutandis*, aplicar aos primeiros copistas, Santo Agostinho lamentava a boa vontade dos primeiros tradutores dos textos bíblicos para o latim e que tinham insuficientes conhecimentos linguísticos.

“Os tradutores das Escrituras hebraicas para o grego podem ser contados, mas não os tradutores em latim. Assim, de facto, nos primeiros tempos da fé, cada um que detinha um códice grego e julgava demonstrar um tanto de habilidade em ambas as línguas, aventurava-se a traduzir o texto.” (*de Doctrina Christiana* II.16)⁶

Por outro lado, os copistas profissionais eram frequentemente escravos que nem sempre tinham uma ligação espiritual para com os textos considerados sagrados pelos cristãos. Entre eles havia os conscienciosos, mas também os ávidos de acabar a tarefa de copiar um texto com o menor esforço possível.

Noutros termos, a plausível falta de formação profissional por parte de copistas de boa vontade, assim como o possível desapego por parte de outros, levou a que os textos do Novo Testamento nem sempre tenham sido transmitidos nas melhores condições.

Tanto os leitores como os copistas diligentes estavam cientes das prováveis imperfeições nos seus exemplares. Ou melhor, e ainda que seja fácil de olvidar, o copista era antes de tudo um leitor. E podemos supor que, pelo menos os que interagiam ativamente com texto, procuravam corrigir os lapsos

⁶ “*Qui enim Scripturas ex hebraea lingua in graecam verterunt, numerari possunt ; latini autem interpretes nullo modo. Ut enim cuique primis fidei temporibus in manus venit codex graecus, et aliquantulum facultatis sibi utriusque linguae habere videbatur, ausus est interpretari.*” (S. Agostinho, *De Doctrina Christiana* II. 16). Notar-se-á que o passo sugere igualmente uma das fontes das variações entre os manuscritos da versão latina.

encontrados na sua leitura. Como as inúmeras correções nos manuscritos testemunham, os leitores/copistas atuavam por vezes diretamente sobre o texto. No Codex Bezae, por exemplo, foram identificados até nove corretores, dos quais David C. Parker apresenta, no seu livro consagrado a este Codex, um estudo aprofundado, enquanto James R. Royse analisou os hábitos dos escribas e corretores dos papiros ditos de Beatty e de Bodmer (Parker, 1992; Royse, 2008).⁷

O fator do contexto ideológico

O segundo fator das divergências entre manuscritos relaciona-se com as práticas intelectuais desta época, mormente a postura adotada em presença dos textos. Se hoje em dia os direitos de autor são respeitados, o mesmo não se verificava no período em questão. A análise do uso pelos autores dos documentos do Novo Testamento dos textos do que os cristãos vieram a chamar o Antigo Testamento, mostra que o respeito pelas *ipsissima verba* nem sempre constituiu um fator de maior importância. Estes autores também não se limitaram à *hebraica veritas* patrocinada por Jerónimo e retomada sobretudo pelos protestantes. Apoiaram-se, não poucas vezes, nas traduções gregas, nomeadamente a Septuaginta (LXX). Todavia, convém salientar que não se abstiveram, em algumas ocasiões, de reformular pela sua própria mão os textos citados. Paulo, por exemplo, refere-se a Isaías 25, 8 na sua primeira carta aos Coríntios 15, 54 numa forma que diverge tanto do texto massorético como da LXX: se em hebraico, Deus בָּלַע הַמָּוֶת לְנֶצְחִים – “aniquilará a morte para sempre”, na versão grega lê-se ὁ θάνατος ἰσχύσας – “a morte que tinha prevalecido”; Paulo escreve: ὁ θάνατος εἰς νίκης – “tragada foi a morte na vitória”. E logo a seguir pergunta, citando Oséias 13, 14 “Onde está, ó morte, a tua vitória”, enquanto o texto massorético pergunta pelas pragas da morte e

⁷ Que os leitores nem sempre aceitavam as correções dos outros, é exemplificado pela anotação na margem de Hb. 1, 3 no Codex Vaticanus. Depois de reverter a alteração do seu predecessor, escreveu; “Tolo e perverso, deixa o antigo, não muda nada!” (Metzger & Ehrman, 2005, 260)

a LXX pela sua sentença (Beale & Carson, 2007). Pode-se também referir ao *crux interpretum* que constitui a forma de Salmos 68 (67), 19 citada em Efésios 4, 8 (Ehorn, 2012).

As cartas de S. Paulo não são uma exceção no que ao uso liberal dos textos da Bíblia hebraica diz respeito. Assim, ao termo de uma análise da utilização dos textos de Amós pelo autor do livro dos Atos, E. Richard sugere que

the author, while very faithful to his LXX source, does not hesitate to impose upon the quotations a certain number of stylistic, thematic, or manifestly theological modifications. (Richard, 1982, 52).

R. Timothy McLay exprime-se no mesmo sentido quando afirma que a citação de Amós em Atos 15, 16-18 constitui um exemplo da interpretação e aplicação dos textos do Antigo Testamento através de uma lente cristológica no novo contexto. Acrescente aliás que tal procedimento foi herdado da tradição judaica (McLay, 2003, 17-36).

De facto, um olhar mesmo superficial, sobre a tradição judaica sugere a liberdade dos autores para com os textos que retomam, rescrevendo-os com alterações por vezes importantes.

Na próprio Bíblia Hebraica, os livros de Crónicas serão, nas palavras de Ehud Ben Zvi, *a second, rewritten history* (Zvi, 2016, 298), dos livros de Samuel e dos Reis. Uma comparação entre a história do rei Manassés segundo o livro de 2 Reis (21, 1-18) e segundo 2 Crônicas (33, 1-20). Apesar de muitas correspondências verbais, nomeadamente no texto hebraico, é interessante notar que o Cronista acrescenta o seu retorno aos caminhos do Senhor, aspeto completamente ausente da narrativa no livro dos Reis. De acordo com Van Seters, o fenómeno de semelhança e paralelismo não se limita aos livros

de Crônicas; verifica-se antes que *The Hebrew Bible is full of imitation of one author by another, some of it creative, some merely plagiarism.* (Seters, 2000, 405)

A LXX apresenta um texto que nem sempre se conforma ao texto massorético. Por vezes, porque o texto hebraico utilizado como *Vorlage* é diferente, por outras porque o texto não vocalizado foi lido de maneira diferente. Mas há também casos em que as diferenças procedem de preocupações estilísticas e até teológicas (Harl, 1994). Por exemplo, em Êxodo 24, 10, segundo o texto massorético, Moisés, Aarão, os seus filhos e os anciãos de Israel “viram o Deus de Israel” – וַיִּרְאוּ אֶת אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל. A versão grega, por seu lado, escreve que “viram o lugar onde se encontrava o Deus de Israel” - καὶ εἶδον τὸν τόπον οὗ εἰστήκει ἐκεῖ ὁ θεὸς τοῦ Ἰσραὴλ, eliminando deste modo a aparente incoerência para com Êxodo 33, 20, onde Deus afirma que nenhum ser humano pode vê-lo e continuar vivo.⁸ Em alguns excertos, as descrições antropomórficas de Deus foram atenuadas, embora não com a frequência que se pensava outrora (Fritsch, 1943; Harl, 1994).

Também os *Targumim*, traduções aramaicas do texto hebraico, apresentam uma reescritura livre dos textos lidos na sinagoga. Numa época em que o povo já não estava familiarizado com a língua hebraica da Bíblia, criou-se a prática de traduzir os textos lidos, para o aramaico. Ao mesmo tempo, esta tradução serviu de explicação e de comentário (Safrai, 2006).⁹

Em resumo, e contrariamente a imagem vehiculada em alguns meios e segundo a qual os escribas judeus transmitiram cuidadosamente o texto da Bíblia hebraica, invocando as regras transmitidas pela tractato *Soferim* que, na sua forma atual data do século VIII (Strack & Stemberger, 1986, 264), torna-

⁸ O equivalente hebraico de “lugar”, *ha-makom*, tornou-se um dos nomes de Deus na tradição rabínico. Ver Marmorstein, 1927, 92-93.

⁹ Para uma lista de características das traduções targúmicas, ver McNamara, 2010, 101-119.

se claro que tanto os autores como os copistas desfrutavam de uma certa latitude para deixar a sua impressão nos textos por eles gerados, fossem eles reproduções ou reformulações.

Talvez uma outra indicação de que as primeiras gerações de cristãos não desconsideravam a pluriformidade, seja fornecida pela coexistência dos quatro evangelhos na coleção de Novo Testamento ainda que apresentem notáveis diferenças entre si. Já no segundo século apareceu a tendência para reduzir a quádrupla história numa narrativa contínua com a redação do Diatéssaron de Tatiano (Metzger, 2001, 10-36). Todavia, e embora tenha gozado de uma grande popularidade nas regiões síriacas, procurou-se substituí-la, no início do século V, pelos quatro evangelhos, optando-se assim pela manutenção da pluriformidade. Há que assinalar o fato de que a propensão de abordar as narrativas evangélicas como uma história contínua ainda é bem vivo hoje em dia. Sem mencionar os inúmeros livros devocionais que retraçam a vida de Jesus a partir de uma leitura que nem sempre faz a distinção entre as diversas fontes, pode ser referido o calendário litúrgico da Igreja Católica Romana que celebra, tanto a visita dos reis magos (Evangelho segundo S. Mateus) no dia da Epifania do Senhor como a apresentação de Jesus no Templo (Evangelho segundo S. Lucas) na festa da Apresentação do Senhor. As narrativas do nascimento e as deslocções que se seguem nos dois evangelhos dificilmente se harmonizam. Assim, segundo S. Mateus, a Sagrada Família viaja para o Egito enquanto S. Lucas conta que voltou para Galileia.

Conclusão

Conquanto as variantes comumente sejam abordadas com o intuito de reconstruir o *Ausgangstext*, no nosso entender, e consoante as posições de estudiosos como Epp e Ehrman, entre outros, proporcionam um instrumento relevante, passível de elucidar o contexto sócio-ideológico no qual se inseriu o

copista, abrindo assim, nas palavras de Ehrman uma janela sobre o seu mundo (Epp, 1997; Ehrman, 1995). São suscetíveis de fornecer informações sobre os pressupostos que guiavam o copista no seu trabalho. Os textos do Novo Testamento foram, ao decurso da sua transmissão, submetidos a uma reinterpretação contínua de que a forma atual mais corrente se constitui pelos comentários nos quais os seus autores pretendem explicar o texto bíblico de acordo com as suas próprias pressuposições. A título de exemplo, Gasque, no seu livro consagrado à história da investigação do livro dos Atos, mostra como no século XIX os exegetas alemães e ingleses chegaram, no que toca ao valor histórico deste livro, a conclusões opostas, consoante as suas ideologias divergentes (Gasque, 1975). De modo igual, a reinterpretação se reflete na releitura do próprio texto que procura identificar o texto na forma que devia ter sido escrito. É o empreendimento dos editores, entre os quais se podiam talvez contar os copistas responsáveis pelos diversos manuscritos: cada manuscrito se apresenta como uma edição do texto. Para levar ao bom termo o seu trabalho, o copista sentia-se no dever de dar sentido ao texto que tem diante dos seus olhos enquanto as condições da reprodução dos textos na Antiguidade, como foi referido acima, o convidavam a adotar uma postura crítica. Postura essa que o levava naturalmente a introduzir as correções, que incluem as alterações, omissões ou ainda inserções de matéria ausente do seu exemplar e que estimava necessárias. Assim, a reescritura nota-se pelas variantes textuais para com o seu exemplar e que são tantos indícios da sua liberdade relativa ao seu modelo.

Neste processo, o copista é antes de mais um leitor que aproxima o texto a partir de uma situação sócio-histórica e ideológica determinada. Era esse contexto que lhe fornecia as ferramentas necessárias para dar sentido ao

texto. Era igualmente esse contexto o ponto de partida para avaliar as correções e aperfeiçoamentos a introduzir na sua cópia.¹⁰

De ponto de vista da historiografia, a relativa liberdade de que dispunham os copistas, tal como é testemunhado pelas variantes existentes entre os numerosos manuscritos, constitui uma vantagem significativa para uma melhor apreciação da história dos movimentos cristãos. Entender os fatores que influenciaram esta liberdade abre o caminho para uma melhor apreciação do papel dos copistas como testemunhas e intérpretes das tradições vigentes no seu meio e como transformadores do acervo religioso.

Bibliografia

- Beale, G. K., & Carson, D. A. (2007). *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*. Grand Rapids, Mi.: Baker Academic.
- Black, E. (2006). *Pragmatic Stylistics*. Edinburgh: University Press.
- Ehorn, S. M. (2012). The Use of Psalm 68(67).19 in Ephesians 4.8: A History of Research. *Currents in Biblical Research*, 12(1), pp. 96-120.
- Ehrman, B. D. (1995). The Text as Window: New Testament Manuscripts and the Social History of Early Christianity. In B. D. Ehrman, & M. W. Holmes, *The Text of the New Testament in Contemporary Research. Essays on the Status Quaestionis. A Volume in Honor of Bruce M. Metzger* (pp. 361-379). Grand Rapids, Mi.: William B. Eerdmans Publishing Company.
- Epp, E. J. (1997). Textual Criticism in the Exegesis of the New Testament, with an Excursus on Canon. In S. E. Porter, *Handbook to the Exegesis of the New Testament* (pp. 45-97). Leiden: Brill.
- Fritsch, C. T. (1943). *The Anti-Anthropomorphisms of the Greek Pentateuch*. Princeton: Princeton University Press.
- Gasque, W. (1975). *A History of the Criticism of the Acts of the Apostles*. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck).

¹⁰ Sobre o papel do contexto, no trabalho da interpretação, *vide* Black, 2006; Yule, 1996.

- Haines-Eitzen, K. (1998). “Girls Trained in Beautiful Writing”: Female Scribes in Roman Antiquity and Early Christianity. *Journal of Early Christian Studies*, 6:4, pp. 629-646.
- Harl, M. (1994). Les divergences entre la Septante et le texte massorétique. In G. Dorival, M. Harl, & O. Munnich, *La Bible Grecque des Septante. Du Judaïsme hellénistique au christianisme ancien* (pp. 201-222). Paris: Éditions du Cerf / Éditions du C.N.R.S.
- Marmorstein, A. (1927). *The Old Rabbinic Doctrine of God. 1. The Names & Attributes of God*. Oxford / London: University Press / Humphrey Milford.
- McLay, R. T. (2003). *The Use of the Septuagint in New Testament Research*. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company .
- McNamara, M. (2010). *Targum and Testament Revisited. Aramaic Paraphrases of the Hebrew Bible: A Light on the New Testament*. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company.
- Metzger, B. M. (2001 (1977)). *The Early Versions of the New Testament. Their Origin, Transmission, and Limitations*. Oxford: Clarendon Press.
- Metzger, B. M., & Ehrman, B. D. (2005). *The Text of the New Testament. Its Transmission, Corruption, and Restoration*. New York / Oxford: Oxford University Press.
- Parker, D. C. (1992). *Codex Bezae. An Early Christian Manuscript and its Text*. Cambridge; New York; Port chester; Melbourne; Sydney: Cambridge University Press.
- Parker, D. C. (1992). *Codex Bezae. An Early Manuscript and its Text*. Cambridge / New York / Port Chester / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press.
- Rafael, V. M. (2020). A inerrência Bíblica entre o Biblicismo e a Pós-Modernidade. *Ad Aeternum*, 1, pp. 112-137.
- Richard, E. (1982). The Creative Use of Amos by the Author of Acts. *Novum Testamentum*, 24.1, pp. 37-53.
- Royse, J. R. (2008). *Scirbal Habits in Early Greek New Testament Papyri*. Leiden / Boston: Brill.
- Safrai, Z. (2006). The Targums as Part of Rabbinic Literature. In S. Safrai, Z. Safrai, J. Schwartz, & P. J. Tomson, *The Literature of the Sages. Second Part: Midrash and Targum, Liturgy, Poetry, Mysticism, Contracts, Inscriptions, Ancient Science and the Languages of Rabbinic Literature* (pp. 243-278). Assen: Royal Van Gorcum / Fortress Press.
- Scrivener, F. H. (1864). *Bezae Codex Cantabrigiensis*. Cambridge.
- Seters, J. V. (2000). Creative imitation in the Hebrew Bible. *Studies in Religion / Sciences Religieuses*, 29/4, pp. 395-409.
- Strack, H., & Stemberger, G. (1986). *Introduction au Talmud et au Midrash. Traduction e adaptation françaises de Maurice-Ruben Hayoun*. Paris: Les Éditions du Cerf.

Yule, G. (1996). *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press.

Zvi, E. B. (2016). Late historical books and rewritten history. In S. B. Chapman, & M. A. (eds), *The Cambridge Companion to the Hebrew Bible/ Old Testament*. Cambridge, 292-313: Cambridge University Press.